

Morre Alberto Dines, precursor da crítica de mídia

O jornalista Alberto Dines, considerado o precursor da crítica de mídia no Brasil, morreu ontem, aos 86 anos, em São Paulo. Em 1975, lançou na **Folha** a coluna **Jornal dos Jornais**, que criticava sistematicamente os meios de comunicação no país. Ele estava internado havia dez dias, com pneumonia. **Poder A10**



O jornalista Alberto Dines, que morreu nesta terça-feira (22) em São Paulo, em foto de 2014. Ze Carlos Barretta - 3.nov.2014/Folhapress

Jornalista Alberto Dines morre aos 86 anos em São Paulo

Precursor na crítica da imprensa, ele estava internado devido a uma pneumonia

SÃO PAULO Morreu nesta terça-feira (22) aos 86 anos o jornalista e escritor Alberto Dines, considerado um dos principais inovadores da imprensa brasileira e precursor da crítica de mídia.

Ele estava internado no Hospital Albert Einstein (SP) havia dez dias, em decorrência de uma gripe que evoluiu para pneumonia, segundo sua mulher, a jornalista Norma Couri. Nascido no Rio em 1932,

Dines começou na profissão aos 20 anos, como crítico de cinema na revista A Cena Muda. De 1962 a 1973, dirigiu o Jornal do Brasil em um de seus períodos mais inovadores. A reforma do diário carioca, consolidada sob sua direção, serviu de modelo para outros veículos brasileiros.

Sua resistência à censura da ditadura lhe rendeu, em 1970, um dos prêmios jornalísticos mais prestigiosos, o

Maria Moors Cabot, da Universidade Columbia (EUA), e algumas das edições que coordenou entraram para a história.

Entre elas está a de 14 de dezembro de 1968, um dia após a promulgação do AI-5, ato que endureceu o controle político da ditadura. Na capa do jornal, um pequeno texto em destaque no canto esquerdo superior avisa: "Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx: 38°, em Brasília. Mín: 5°, nas Laranjeiras".

Outra edição simbólica sob sua direção foi a que anunciou a morte do então presidente chileno Salvador Allende, em 1973. Como a ditadura proibia a publicação de manchetes sobre o assunto, Dines fez ir às bancas uma primeira página com longo texto sobre o episódio, mas sem título.

Em 1975, tornou-se diretor da sucursal do Rio da **Folha**, num momento em que o jornal — antecipando o movimento de abertura do então presidente Ernesto Geisel — reforçava sua equipe e abria suas páginas para articulações de todas as tendências.

Na **Folha**, lançou em 1975 a coluna "Jornal dos Jornais", crítica dos meios de comunicação no país. "Eu estava

vindo do episódio Watergate, nos EUA, e tinha visto a imprensa criar mecanismos de autocritica para evitar os excessos, a arrogância de uma imprensa vitoriosa", relatou ele no projeto História Oral do Banco de Dados da **Folha**.

Para Dines, "a imprensa é tão perigosa quanto qualquer outro poder quando é arrogante", e a brasileira "estava muito acomodada à autocensura".

Colegas descrevem-no como uma personalidade arestosa, com quem era fácil brigar, mas igualmente fácil se reconciliar.

Nos anos 1990, em que assinou também uma coluna na **Folha**, foi o responsável pela criação do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da **Unicamp**, por meio do qual institucionalizou a crítica de mídia da qual havia sido precursor na década de 1970.

Lançou o Observatório da Imprensa, jornal de debate sobre o jornalismo contemporâneo que ganhou edição na internet em 1996 e, em 1998, na TV Educativa do Rio de Janeiro.

Dines se destacou também na área acadêmica e na literatura.

Criou em 1963 a cadeira de jornalismo comparado na Faculdade de Jornalismo da PUC-RJ e, em 1965, a de teoria da imprensa, e foi professor visitante na Universidade Columbia. Entre 2011 e 2013, lecionou história do jornalismo na ESPM.

"Era um excelente professor, embora não tivesse diploma universitário, e sempre lembrava disso", diz o professor da Escola de Comunicação e Artes da USP Eugênio Buccì, coordenador do curso da ESPM.

Lançou 15 livros, entre ficção, reportagem e técnicas jornalísticas. Ganhou o prêmio Jabuti em 1993 por "Vínculos de Fogo", e seu livro "O Papel do Jornal" (1974) é uma das mais influentes obras sobre jornalismo no país.

Deixa quatro filhos do primeiro casamento, com Ester Rosali. O velório ocorre nesta quarta (23), às 10h, e o enterro, às 13h30, no Cemitério Israelita em Embu das Artes (SP).

Jornalista influenciou a profissão de diversas formas na sua carreira

ANÁLISE

Carlos Eduardo Lins da Silva
Professor do Instituto de Relações Internacionais da USP

Qualquer pessoa que tivesse dado ao jornalismo apenas uma das contribuições que Alberto Dines legou à profissão já teria tido razões suficientes para se sentir realizado e

veria seu nome inscrito na história da imprensa brasileira.

Dines será sempre lembrado por diversas grandes realizações que até hoje influenciam positivamente a atividade no país.

Ele foi o criador, em 1996, de um dos primeiros veículos jornalísticos a usar exclusivamente a internet, o Observatório da Imprensa, que continua no ar, dedicado ao debate aberto sobre a mídia e à sua crítica.

Dedicou-se ao estudo acadêmico em diversas fases. Criou em 1963 na PUC do Rio a disciplina chamada "Jornalismo Comparado", que depois foi incorporada a praticamente todos os currículos das escolas de comunicação pelo país.

Quase 30 anos depois, foi um dos fundadores, com Carlos Vogt e José Marques de Melo, na **Unicamp**, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, o Labjor.

Na direção do Jornal do Brasil, consolidou a extraordinária reforma gráfica e editorial do diário, iniciada quase uma década antes por Odilo Costa, filho, e continuada depois por Janio de Freitas.

O "JB" se tornou, após a reforma, um modelo para o jornalismo impresso diário no Brasil, e serviu de inspiração para todas as mudanças posteriores realizadas por seus concorrentes e sucedâneos.

À frente do "JB", Dines estabeleceu métodos e técnicas com que tivera contato em suas viagens pelos EUA. Entre as heranças desse período, inclui-se o departamento de pesquisa do jornal, classificado por Fernando Gabeira (que lá trabalhou no início da carreira) como "uma espécie de Google da era analógica".

Em vez de simples arquivo para consultas, o departamento virou célula de produção de material de apoio para se integrar a reportagens e análises e lhes dar contexto histórico e conjuntural.

Com sua permanente inquietação intelectual, Dines se manteve atual à medida que a profissão era obrigada a reinventar-se diante dos desafios que a tecnologia e as mudanças do mercado impuseram.

Dines ainda se destacou em outro gênero, o da biografia, com o seu clássico "Morteno Paraíso" sobre Stefan Zweig, cuja primeira edição é de 1981.

Ele foi provavelmente o inaugurador da "biografia jornalística", que se difere da tradicional, como lembra o especialista em biografia Sérgio Villas-Boas, por utilizar mais fontes orais, ser mais atenta às contradições e lacunas na história de seus personagens, menos rígida em relação aos métodos históricos.

Continuar a construir sobre este patrimônio é a melhor homenagem que seus amigos, discípulos e admiradores poderão lhe prestar.